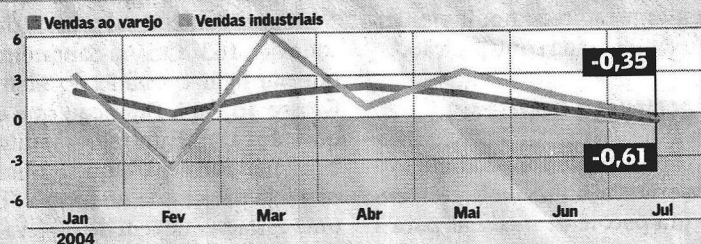
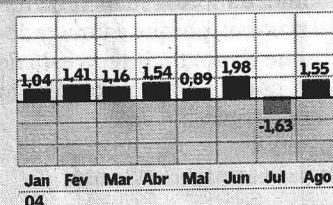


Menor intensidade

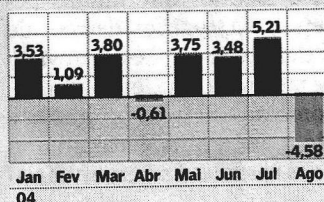
Evolução mensal com ajuste sazonal em relação ao mês anterior - em %



Faturamento dos supermercados



Expedição de papelão ondulado



Fonte: IBGE, Tendências Consultoria Integrada, Banco Central e Valor Data

Ritmo de atividade dá sinais de arrefecimento

Raquel Salgado

De São Paulo

O crescimento da economia brasileira já dá sinais de acomodação na margem. Importantes indicadores econômicos como venda e produção de bens duráveis, expedição de papelão ondulado, faturamento dos supermercados, além do número de ocupados e renda dos trabalhadores, mostraram queda ou um ritmo menor de alta a partir de julho ou agosto. A economia ainda cresce, mas desacelerou.

Após três meses seguidos de elevação, as vendas industriais reais apuradas pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) recuaram 0,35% entre julho e junho, na série com ajuste sazonal calculada pelo Banco Central. Os dados da Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do IBGE mostram que as vendas crescem, mas já colocaram o pé no freio. Cálculos dessazonalizados da Tendências Consultoria Integrada mostram que entre julho e junho as vendas no varejo caíram 0,61%, após subirem 0,26% entre junho e maio e 1,46% entre maio e abril.

Os números Associação Comercial de São Paulo (ACSP) também indicam uma inversão na tendência das vendas a prazo (SCPC) e à vista (UseCheque) a partir de agosto, quando o primeiro indicador registrou retração de 1,8% sobre julho, após subir 11,5% naquele mês em relação a junho. Já as consultas ao UseCheque caíram 1,6% no mês passado. Segundo Emílio Alfieri, economista da entidade, a queda deve se intensificar em setembro e será de pelo menos 6% em cada indicador.

Na opinião dos analistas, o movimento de crescimento menos intenso é natural e até saudável. Para Adriano Pitoli, da Tendências, o ritmo menos forte é positivo e, em certa medida, inevitável. Os indicadores econômicos como emprego e renda, nos quais o crescimento deveria estar apoiado, ainda não são consistentes, lembra ele.

Se os dados de produção industrial e vendas ao varejo mais recentes fossem tão bons quanto os do primeiro semestre, o cresci-

mento não seria sustentável, pois esbarraria no problema do alto nível de capacidade instalada, explica Pitoli. Com a perda de intensidade do crescimento, Pitoli acredita que a necessidade do Banco Central apertar mais a política monetária fica reduzida.

Além disso, ele lembra que este "desaquecimento" ocorre quando se compara a atividade econômica de meses recentes, como julho e agosto, com o segundo trimestre do ano, que "surpreendeu os analistas pela força do crescimento".

Para Cristiano Souza, da MB Associados, a queda da renda em agosto poderá piorar o cenário para os bens semi e não duráveis como têxteis e alimentos. Nos supermercados, o faturamento ainda é positivo, mas em agosto ficou estacionado no mesmo patamar de junho, após cair 1,63% em julho. Neste cenário, Juan Jensen, da Tendências já prevê uma queda de 0,4% na produção industrial em agosto, com dados ajustados sazonalmente.

O próprio Banco Central, na ata da última reunião do Copom divulgada ontem, afirma que a expedição de papelão ondulado — utilizado como embalagens e considerado um termômetro da produção da indústria — caiu 4,2% em agosto, já descontados os efeitos sazonais.

E o Banco Central admite ser plausível que uma acomodação espontânea do dinamismo da economia esteja em curso. No entanto, diz que tal acomodação não parece que irá ocorrer em uma intensidade que afaste "as preocupações com o perigo de descompasso entre a demanda e a oferta, e seus reflexos na dinâmica de preços".

Há também quem discorde com a análise de que a economia já não cresce com tanto ímpeto. Para Fábio Silveira, sócio-diretor da MS Consult, as oscilações dos últimos meses são flutuações normais e o crescimento segue em ritmo acelerado. Para Silveira, a "acomodação chegará em algum momento, mas não será tão rapidamente". "A produção de automóveis, por exemplo, ainda está muito aquecida, o volume de exportações do país é alto".

Brasil 24 SET 2004